

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA COBERTURA DO JORNAL NACIONAL À TRAGÉDIA DA CHAPECOENSE: aferições sobre a performance dos apresentadores do telejornal

Michele Negrini¹

Resumo: O artigo apresenta uma reflexão sobre a inscrição da experiência estética através da performance dos apresentadores do Jornal Nacional na cobertura da tragédia com o time da Chapecoense. Vamos observar a forma como as performances dos apresentadores podem interferir nas relações dos espectadores com o telejornal e na possibilidade de experiências. Vamos tomar como objeto de análise a edição do Jornal Nacional de 29 de novembro de 2016, dia da tragédia.

Palavras-chave: Performance; experiência estética; telejornal; Jornal Nacional.

Abstract: The article presents a reflection about the inscription of the esthetic experience through the performance of the presenters of the Jornal Nacional in the coverage of the tragedy with the Chapecoense's football team. We'll look on how the performances of the presenters can interfere in the relations of the spectators with the television news and the possibility of experiences. We'll take as an object of analysis the edition of the National Journal of November 29, 2016, day of the tragedy.

Keywords: Performance; aesthetic experience; television news; Jornal Nacional.

Aspectos introdutórios

Em pleno período de destaque em competições de futebol, o time catarinense da Associação Chapecoense de Futebol viajava para a Colômbia para disputar a final da Copa Sul-Americana. Quando estava prestes a chegar ao destino, o voo fretado da companhia boliviana LaMia caiu nas proximidades do aeroporto José Maria Córdova.

O avião da LaMia transportava 77 pessoas. 71 morreram. Estavam no voo tripulantes, jogadores da Chapecoense, comissão técnica, dirigentes do time e jornalistas brasileiros que iriam fazer a cobertura do jogo. Sobreviveram ao acidente a auxiliar de voo, Ximena Suárez; o técnico do avião, Erwin Tumiri; o lateral Alan Ruschel; o goleiro Jackson Folmann; o zagueiro Hélio Hermito Zampier; e o jornalista Rafael Henzel.

Desde as primeiras horas do dia da tragédia, 29 de novembro de 2016, os meios de comunicação fizeram ampla cobertura ao desastre aéreo. Os canais de televisão, ao longo do

¹Jornalista. Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. Doutora em Comunicação pela PUCRS. Pós-doutora pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, da UFBA. Professora da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). E integrante do Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação (TRACC).

dia, ficaram passando diversas informações ao público. E os telejornais levaram ao ar diversos pontos sobre o acontecimento, como: a retirada dos corpos e o resgate dos sobreviventes; a repercussão do acidente na cidade de Chapecó, no Brasil e no mundo; a tentativa de explicação para as causas da queda do avião; e o acompanhamento das informações sobre o estado de saúde das vítimas.

A Rede Globo começou a cobrir a tragédia desde as primeiras horas do dia 29 de novembro. As notícias iniciais foram dadas ainda no telejornal Hora Um², que vai ao ar a partir das 5h da manhã na emissora; o Jornal Hoje atualizou o público em relação às informações sobre o fato; e o Jornal Nacional, que é foco deste estudo, fez uma grande cobertura³, esmiuçando no ar um entrelaçamento de diversos pontos sobre o ocorrido.

Já na escalada⁴ da edição do Jornal Nacional do dia da tragédia, que foi apresentada por Giuliana Morrone e por Heraldo Pereira, diversos pontos sobre o acontecimento foram destacado. E, ao evidenciar, na escalada, frases como “O Brasil perplexo e comovido” e “A dor de parentes e amigos”, o telejornal assinala que vai acionar, no decorrer da edição, diversos pontos relativos à sensibilização gerada pelo fato. A constituição da edição foi permeada pela abordagem dos sentimentos das famílias das vítimas e da sociedade, de modo a deparar o público frente a diversas manifestações de sensibilidades diante da morte.

Na conformação dos discursos convocados para a edição de 29 de novembro de 2016, o delineamento das atitudes dos apresentadores foi fator invocado na constituição dos sentidos sobre a tragédia. A ausência dos titulares da bancada do JN, Willian Bonner e Renta Vasconcellos, imbricou na substituição por Heraldo Pereira e Giuliana Morrone, que conduziram o telejornal também em outras edições na semana da ocorrência com o time da Chapecoense. Os dois apresentadores, ao levar o JN do dia da tragédia ao ar, atuaram como mediadores na construção de cenário sobre a morte, abarcado e amparado pela lógica da institucionalidade da Rede Globo, e nas relações deste contexto com os espectadores.

²E antes do Hora Um, a Globo já tinha entrado com plantão informando a tragédia.

³Carlida Emerim e Antônio Brasil diferem uma grande cobertura em televisão de uma cobertura grande: “Assim, **uma grande cobertura pode remeter a um tipo de trabalho jornalístico que mostre um acontecimento em todas as suas perspectivas** ou, pelo menos, **as perspectivas possíveis de ser exibidas em televisão através da função jornalística. Uma cobertura grande, por sua vez, remeteria a um longo período de tempo em que este acontecimento permanecesse em pauta.** Porém, pode-se ter, também, uma grande cobertura – cuja temática é desdobrada em profundidade e cobertura grande – com um longo período de permanência na mídia. Ou seja, uma cobertura que além de muito aprofundada possa, também, durar muito tempo” (EMERIM e BRASII, 2011, p.4).

⁴Para Bistane e Bacellar (2005), a escalada pode ser caracterizada como: “Manchetes sobre os principais assuntos do dia que abrem o jornal. São frases curtas cobertas ou não com imagens.” (BISTANE e BACELLAR, 2005, p.133).

A institucionalidade da Rede Globo e os traços hegemônicos do subgênero⁵ telejornal são fatores de delineamento das transmissões do Jornal Nacional. E em um quadro de tragédia, resultando em morte em massa, diversos elementos são acionados nas formas de manifestação dos apresentadores e na construção da notícia, elementos que são de fundo histórico e cultural, que invocam visões sobre a morte e formas de agir diante dela.

Como já mencionamos, a conformação dos discursos sobre a tragédia da Chapecoense e sobre o fim da vida no Jornal Nacional foi mediada pelos apresentadores Heraldo Pereira e Giuliana Morrone. Interessa-nos observar a performance destes apresentadores na edição do dia da tragédia, 29 de novembro de 2016, e a forma como eles se relacionam com o público, invocando as sensibilidades diante da tragédia e da morte, oportunizando a experiência estética. Para tanto, vamos nos aproximar da estética ao invocar reflexões teóricas sobre performance e experiência estética.

Performance e Experiência Estética

Como abordamos no tópico anterior, vamos observar a performance dos apresentadores do telejornal Jornal Nacional e a forma como invocam a audiência, clamando pela sua sensibilidade e oportunizando a experiência estética.

No tocante à experiência estética, vamos tomar o olhar de Dewey (2005), que assinala que ela é resultado de uma interação entre sujeito e ambiente. Gutmann (2015, p.3) aponta: “Para Dewey (1980), experiência designa a interação (necessária e constante) estabelecida entre um organismo e o ambiente, a qual, para além de sua força simbólica, tem pregnância física, ou seja, é algo dotado de dimensões concretas”.

Aferindo sobre o pensamento de Dewey acerca da experiência estética, Cardoso Filho (2011) assinala que: “Para o autor, o termo experiência vai designar a interação constante e necessária estabelecida entre um organismo e o ambiente, a qual não é de caráter exclusivamente simbólico, mas, sobretudo, uma característica físico-natural”. No olhar de Dewey (2005), a experiência se dá de forma contínua, pois as relações dos seres vivos com o

⁵Ao tratar de programas telejornalístico, Gomes (2007) os considera como uma variação específica na programação da televisão, compondo um gênero: programa jornalístico televisivo, que está impregnado de regras do campo jornalístico e, também, da TV. Entre algumas variações deste gênero, podendo ser chamadas de subgêneros, a autora cita os telejornais, os programas de entrevistas e os documentários televisivos. A autora salienta acreditar que a configuração de um gênero ou de um subgênero dentro da programação televisiva se dá na articulação entre os elementos da linguagem da TV, do fazer jornalístico e da representação da cultura.

ambiente são intrínsecas do processo de viver. Cardoso Filho (2011, p.42) pondera que: “[...] para Dewey, a experiência não pode ser nem consciência, nem somente conhecimento, mas é tudo que pode ser experimentado por uma criatura na relação com o ambiente”.

Ao refletir a experiência estética a partir do olhar de Dewey, Cesar Guimarães e Bruno Leal (2007, p.6) assinalam que como é interação, a experiência, no olhar de Dewey, “[...] certamente não é ‘etérea’, está implicada nas condições e nas dimensões concretas da relação do indivíduo com o ambiente e conseqüentemente não pode ser caracterizada por outro aspecto exclusivamente”. Os autores apontam que a experiência é um fator que exige mobilização sensorial e fisiológica por parte do corpo humano; ela é, ao mesmo tempo, de ordem prática, intelectual e, também, emocional; e que como ela é relacionada à percepção, ela vai exigir interpretação, repertório e padrões.

Cardoso Filho (2011) acrescenta que as mobilizações sensoriais e fisiológicas fazem a revelação da experiência e da conduta que é delineada no contexto da interação da criatura com o ambiente, o que evidencia que a experiência não está exclusivamente vinculada com a seara do conhecimento, mas, também, com a ação cotidiana. No contexto da experiência ser ligada à ação, Cardoso Filho (2011, p.44) assinala:

A força explicativa desse entendimento da experiência reside na distinção promovida por Dewey (2005) entre experiência e “uma experiência”. Esta, segundo o autor, é dotada de um ordenamento e completude que não se verifica na experiência ordinária. Quando “uma experiência” se constitui, criatura e ambiente já não podem prescindir do encontro, nem do modo ordenado e completo como estabeleceram a interação. “Uma experiência” resulta da dinâmica particular da criatura com o ambiente, sendo, portanto, relacional, o que corrobora com a afirmação de Ogien e Queré sobre não se encontrar nem no sujeito (no sentido de que individualmente se tem experiência) nem no objeto (artefatos tão importantes que, pelo simples fato de observá-los, se adquire experiência).

Ao apontar que Dewey faz a distinção entre “experiência” e “uma experiência”, Cardoso Filho (2011, p.44) assinala que a possibilidade da ocorrência de um relacionamento completo entre o ambiente e a criatura é garantida pelo “[...] equilíbrio entre *fazer* e *padecer* durante a relação”. Cardoso Filho ainda aponta que, no olhar de Dewey, o ambiente e a criatura são instâncias de ação e de paixão. Eles atuam e, também, sofrem recebem os efeitos da ação.

O olhar de Dewey (2005), de que a experiência está relacionada à interação entre criatura e ambiente, desperta inquietações sobre os laços entre o espectador e o telejornal. A performance dos apresentadores de um telejornal é um fator importante na produção de

sentidos acerca das informações transmitidas e do estabelecimento de laços entre os espectadores e o telejornal. Gutmann (2015, p.2) reflete a performance em relação à televisão:

Já o conceito de performance parece acenar para a possibilidade de compreender o “mostrar fazer” (SCHECHNER, 2006) de uma emissora de TV, seu específico modo de formar executado através da sua produção audiovisual e cujo sentido se faz na relação (entre programas, seus contextos, suas recepções).

Gutmann (2015) acrescenta que a noção de performance, mesmo que não seja relacionada especificamente com o audiovisual, mostra-se como um eficiente olhar para a verificação do caráter performativo de um canal televisivo.

Ao questionar-se sobre o que considera, no contexto de seu estudo, uma performance, Brasil (2011) salienta que poderia responder de forma breve: “[...] a performance é o momento de uma *exposição*. Um corpo se expõe e ao se expor cria a situação na qual se expõe, não sem, no mesmo gesto, criar-se a si mesmo. Uma forma aparece e *ganha forma* – não previamente – mas *à medida* em que *aparece*”. (p.5; grifo do autor). Mas acrescenta que a resposta não é suficiente por não levar em consideração “[...] o lugar específico da performance em relação às outras formas de *exposição*” (p.5; grifo do autor). O complementa apresentando seu pensamento:

No âmbito de nossa discussão, diríamos que a performance se encontra exatamente na passagem *entre as formas de vida* e *as formas da imagem*, entre o vivido e o imaginado. Ela é o que torna, afinal de contas, estes domínios imbricados um ao outro, produzindo-se justamente em seu limiar (BRASIL, 2011, p.6; grifo do autor).

Paul Zumthor (2014) situa que performance se localiza em um contexto que é ao mesmo tempo cultural e relacionado ao situacional. O autor relaciona performance com o conhecimento, dizendo que a performance modifica o conhecimento. E situa que a performance “[...] não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca” (ZUMTHOR, 2014, p.35). Cardoso Filho (2011, p.45), buscando Dewey, também relaciona a experiência com a situação:

Esse todo contextual impõe, sob certas condições, uma espécie de estímulo para o desenvolvimento de “uma experiência”. É nessa condição situacional que estão as bases para o desenvolvimento da experiência presente, anunciadoras de horizontes de expectativas. Não há dúvida de que Dewey (1980) concede à *situação indeterminada* (desordenadas, ambíguas etc.) a condição inicial básica para o desenvolvimento da experiência ou, como mais adiante vai chamar, da investigação.

A partir da discussão de Brasil (2011) e do olhar de Zumthor (2014) sobre a performance, vamos observar a forma como os apresentadores do Jornal Nacional se portaram e se manifestaram no dia da tragédia com o time da Chapecoense. A performance dos apresentadores, no contexto do telejornal, pode ser uma perspectiva de invocação das subjetividades do público, diante da tragédia e do fim da vida, e de proporcionamento da experiência estética.

Thomaz (2016, p.57) salienta a perspectiva da performance no processo de erupção de uma experiência estética: “Ou seja, é na performance desse ente perante aquilo que recebe sua atenção que as condições a uma experiência se delineiam”. O olhar do autor dá subsídios para relacionarmos a performance dos apresentadores do Jornal Nacional na cobertura da tragédia da Chapecoense com as sensibilidades dos espectadores e a possibilidade de gerar uma experiência.

A Experiência Através da Performance

Estamos tomando a experiência a partir do olhar de Dewey, que considera que ela se dá na interação entre um indivíduo e o ambiente. Dando bases às discussões deste trabalho, está a perspectiva da existência da experiência estética através do contato dos espectadores com a performance dos apresentadores do Jornal Nacional do dia da tragédia com o time de futebol da Chapecoense, em 29 de novembro de 2016. Como diz Thomaz (2016, p.61): “[...] pensamos que as situações de interação entre a materialidade e a percepção humana – sob a influência de uma dimensão histórico-cultural – fornecem condições a ‘uma experiência’ na qual a performance é chamada em causa”.

Para observarmos e refletirmos sobre a performance dos apresentadores do Jornal Nacional na cobertura da tragédia da Chapecoense e sobre a possibilidade de delineamento da experiência estética na interação do telejornal com o público, faz-se precípua a apresentação de pontos de competência histórica em relação ao telejornal, a fim de dar base e contexto em relação ao desempenho dos apresentadores no programa.

O Jornal Nacional é um dos principais telejornais da televisão brasileira. Ele tem um formato similar desde que iniciou suas transmissões. É apresentado em uma bancada, por dois jornalistas sentados. Com o passar do tempo, o JN passou por diversas reconfigurações, principalmente em nível de apresentação e de cenário. De acordo com o site Memória Globo,

em 26 de abril de 2000, nas comemorações do aniversário de 35 anos da Rede Globo, o JN foi alvo de completa reconfiguração. Neste momento, o estúdio tradicional deu lugar a uma bancada dentro da redação e a bancada passou a ser organizada como um ambiente de trabalho, contendo computador, e localizada em um mezanino.

O site Memória Globo enfatiza que no ano de 2005 houve troca de bancada, a qual foi substituída por uma um pouco mais alta. E que, em 2009, o cenário foi reformado para a comemoração dos 40 anos do JN. Nesta reforma, ocorreu a instalação de um telão utilizado para mostrar informações complementares aos assuntos evidenciados nas reportagens.

Ainda de acordo com o site Memória Globo, em 2015, no contexto da comemoração dos 50 anos da Rede Globo, houve nova mudança de cenário. Os apresentadores passaram a dispor de uma bancada mais moderna; o espaço ficou mais amplo, dando possibilidades de circulação pelo local. Os apresentadores passaram a transmitir as notícias da bancada, mas também em pé, podendo conversar com repórteres que estão em outros locais através do telão. O Jornal Nacional ganhou um estilo mais informal e mais descontraído. No decorrer do processo histórico do JN, houve várias trocas de apresentadores, refletindo as reconfigurações que o telejornal foi apresentando. Vários apresentadores titulares passaram pela bancada, como Hilton Gomes, Cid Moreira, Sérgio Chapelin, Celso Freitas, William Bonner, Lilian Witte Fibe, Fátima Bernardes, Patrícia Poeta e Renata Vasconcellos. Além dos apresentadores efetivos, o JN conta com outros eventuais, que ancoram o programa aos sábados e cobrem férias.

No contexto das mudanças ocorridas no JN e da possibilidade de mais informalidade por parte dos apresentadores, vamos analisar as formas como Heraldo Pereira e de Giuliana Morrone conduziram a edição do dia 29 de novembro de 2016, dia da tragédia da tragédia da Chapecoense, com foco na observação da possibilidade da experiência estética na interação do público com o Jornal Nacional. Vamos levar em conta os textos verbais e, também, as expressões corporais e faciais dos apresentadores no decorrer da edição que está sendo refletida. Para dar bases à reflexão sobre experiência, vamos tomar os olhares, principalmente, de Dewey (2005), Cardoso Filho (2011) e Guimarães e Leal (2007). E para falar de performance, vamos buscar, principalmente, Zumthor (2014) e Brasil (2011).

Para a aferição sobre a performance de Giulina Morrone e Heraldo Pereira, a percepção sobre o contexto em que eles estão inseridos, que é permeado pelas lógicas de um telejornal de referência, como o JN, e pelas bases institucionais da Rede Globo, é fator

primordial. Lembrando que Zumthor (2014) situa a performance como localizada em uma lógica voltada ao cultural e ao situacional. E vamos observar como a performance dos apresentadores se mostra como um contexto relacional, de interação como o público, dando bases para a experiência estética.

Para fazermos argumentações sobre as atitudes performáticas dos apresentadores, a observação dos vestuários deles é ponto a ser levado em consideração. Na edição do dia da tragédia, as roupas dos apresentadores constituíram sentidos de sobriedade e foram elementos formadores de um olhar performativo em um contexto de tragédia e de mortes. Heraldo Pereira vestia terno, camisa e gravata em tons de cinza e azul. E Giuliana Morrone usou blusa branca e saia preta. Com tons que convocam a sobriedade, os dois apresentadores levaram o JN ao ar. Já na primeira reportagem da edição de 29 de novembro, a introdução da matéria é feita por frases longas, proferidas por Heraldo e Giuliana. E nas palavras dos próprios apresentadores, os sentidos que remetem à emoção são construídos. Giuliana, na cabeça da primeira reportagem, com expressões sóbrias, destaca: “O Brasil despertou hoje sob o impacto de uma notícia trágica, que abalou o esporte e o país inteiro e que recebeu manifestações de solidariedade ao redor do planeta”. A apresentadora se manifesta de forma séria, com expressões que seriam esperadas no contexto de um telejornal em um contexto de tragédia e de morte. A sobriedade dos apresentadores remete ao pensamento de Zumthor (2014) de que a performance tem ligações com o situacional. Em um contexto de tragédia, o delineamento de atitudes mais comedidas casa mais adequadamente com o contexto de um telejornal de referência.

Ainda na apresentação da primeira matéria, Giuliana traz adjetivos que apontam para a afetividade: “Setenta e uma pessoas morreram. Dezenove eram jogadores. Jornalistas de vários veículos que acompanhavam a equipe também estão entre os mortos, inclusive, colegas queridos nossos, da TV Globo, e da nossa afiliada, a RBS”. A fala de Giuliana foge às características mais comuns da apresentação telejornalística, que remetem a frases curtas e à ausência de adjetivos. A apresentadora, ao falar dos colegas de profissão, demonstra afetividade e sensibilidade. Mas, apesar da presença da afetividade na asserção de Giuliana, a lógica do institucional se faz presente e o jogo de forças entre emissoras se mostra. Jornalistas de outros veículos faleceram no acidente de avião, mas os da casa foram mais evidenciados. Nesta edição, após a manifestação de sensibilidade, a apresentadora se levanta da bancada e vai até um telão, de onde conversa com a repórter Lilia Telles, que estava na cidade de La

Ceja, na Colômbia. Telles fala ao vivo com Giuliana, mostrando uma fisionomia de tristeza e de consternação. Apresentadora e repórter compartilham das expressões de sobriedade e de tristeza. O uso do telão remete à aproximação com o local do acontecimento – da mesma forma que a apresentadora teve proximidade com a repórter que estava na Colômbia, o público é remetido ao país da tragédia.



FIGURA 1 – Giuliana Morrone conversa com a repórter Lilian Telles (Reprodução/ Jornal Nacional)

O telão é um recurso bastante usado, no decorrer da edição, para a comunicação entre apresentadores no estúdio com os repórteres na Colômbia. Ele ajuda na produção da perspectiva de instantaneidade e de acompanhamento ao vivo, por parte do JN, no contexto da tragédia. Como falamos, na medida em que a apresentadora se remete ao local da tragédia, o público também pode ter tal aproximação, experimentar tal perspectiva. Com o telão, as formas de expressão de Giuliana e de Lilian Telles ficam evidenciadas ao olhar dos espectadores.

A apresentadora Giuliana Morrone, ao introduzir uma reportagem sobre divulgação de vídeos dos jogadores antes da viagem fatal, mesmo abordando a alegria do time com a disputa de uma final, continua com o mesmo retrospecto sóbrio. Ela enfatiza: “Antes da viagem, integrantes da delegação da Chapecoense divulgaram vídeos. Nas gravações, eles falam da alegria imensa de disputar uma final”. O posicionamento de Giuliana remete o público ao momento esportivo que os atletas estavam vivendo e situa tal informação com movimentações

faciais comedidas. As atitudes de Guliana no decorrer do JN em reflexão vão reiterando o pensamento de performance ter ligações com o situacional.

Da mesma forma que Morrone, Heraldo Pereira também conduziu o telejornal do dia da tragédia com sobriedade. O apresentador, ao chamar uma matéria sobre o filho do técnico falecido na tragédia não ter embarcado para a Colômbia com a delegação da Chapecoense, fala de forma pausada e sóbria, dando ênfase ao nome do rapaz e ao fato dele ser filho de Caio Júnior⁶. Heraldo convoca o espectador à imersão no contexto de tristeza e de comoção que a família de Caio Junior estava vivendo. E os delineamentos contidos das atitudes do apresentador convocam a sensibilização do público.

Em apresentação de matéria sobre a Chapecoense servir como exemplo em nível de gestão, Giuliana Morrone, na cabeça, destaca: “O Clube Chapecoense é um exemplo de boa gestão no futebol brasileiro e o resultado pôde ser visto em campo: o time vinha ganhando notoriedade nos últimos anos e foi abraçado pela torcida da cidade”. A apresentadora faz a cabeça da matéria com o delineamento das frases de forma pausada, dando destaque a expressões como: “exemplo”, “boa gestão” e “abraçado pela torcida” para caracterizar o time morto na tragédia. A postura verbal da apresentadora dá bases para que a perspectiva de bom momento da Chapecoense seja enfatizada.

É interessante ressaltar que na edição do dia 29 de novembro, Galvão Bueno foi convocado ao estúdio do JN para falar sobre a tragédia e sobre o aeroporto de Medellín. Neste caso, sabemos que Galvão não é um especialista em aeroportos, que é um comentarista esportivo. Ele ocupou tal lugar de fala por ser ligado à narração esportiva na Globo, principalmente de futebol. Temos uma remissão à institucionalidade da emissora e uma convocação de bases do futebol, na medida em que estamos tratando de um comentarista esportivo. Neste contexto da presença de Galvão Bueno no estúdio, Heraldo Pereira e Giuliana Morrone fazem introdução à explanação do comentarista. Giuliana salienta: “E aqui nos estúdio com a gente está o Galvão Bueno, que está desde cedo neste dia difícil dando informações. E nas suas transmissões, nas transmissões da Globo, você já foi muitas vezes a Medellín. Quais são as peculiaridades desse aeroporto?” A apresentadora, ao fazer a interlocução com Galvão Bueno, faz várias gesticulações com a mão, enfocando o seus questionamentos, tendo uma postura interrogativa. E na sua asserção, Giuliana enfatiza o

⁶FALA DO APRESENTADOR: “Matheus Saróli, filho do técnico da Chapecoense, Caio Júnior, não conseguiu embarcar com o time porque esqueceu o passaporte e a carteira de identidade. O técnico foi uma das vítimas fatais do acidente”.

papel da Globo no contexto da cobertura, passando ao público a perspectiva de presença da emissora na tragédia. Bueno, ao falar sobre o aeroporto com expressão séria, também vai complementando, com gesticulações com as mãos, os sentidos do seu discurso verbal. As explanações de Galvão Bueno e de Giuliana remetem o público à discussão sobre o acontecimento e aproximam o público da tragédia.

A dor das famílias e o luto da cidade de Chapecó ganham amplo espaço na edição do dia 29 de novembro. Giuliana Morrone, ao introduzir a matéria⁷, dá destaque para a palavra “sonho” e para a expressão “grande dor”, corroborando para o tom de sensibilização que vai ser evidenciado na reportagem. A fala de Giuliana demonstra que o espectador encontrará evidências de emoções na matéria que será apresentada. No enfoque à dor dos enlutados com a tragédia, o destaque ao sonho e à dor evidencia a perspectiva de envolvimento entre os espectadores e o telejornal, oportunizando a experiência estética, na concepção de Dewey (2005).

Em interlocução entre Heraldo e Giuliana, na cabeça de uma reportagem, fica evidente a ênfase a questões ligadas aos sentimentos. Heraldo diz: “Em Chapecó e pelo Brasil, os parentes das vítimas não conseguiam acreditar na tragédia”. Giuliana acrescenta: “E nesta tristeza toda, lamentavam o fim de muitos sonhos”. As falas dos apresentadores remetem aos sentimentos e à comoção dos familiares e podem despertar os sentimentos dos espectadores diante da morte.

Na cabeça da reportagem de Pedro Vedova, sobre a repercussão da tragédia entre times estrangeiros, Giuliana e Heraldo, mesmo com expressões faciais sóbrias, apelaram para as emoções do público. Giuliana diz: “A tragédia do time brasileiro gerou uma comoção entre os clubes europeus”. E Heraldo complementa: “É o que mostra de Londres o correspondente Pedro Vedova”. E a matéria continua com a lógica de detalhamento de emoções introduzida pelos apresentadores. Na reportagem, as principais homenagens são demarcadas. Há uma circulação de sentidos operando na construção de uma lógica de consternação. E os olhares de grandes times são destacados: “As cabeças galácticas se abaixaram em respeito. A seriedade de Cristiano Ronaldo; o olhar distante do brasileiro Marcelo. O Real Madrid ficou calado antes do treino”; “O Benfica, de Portugal, não parou no silêncio. Prometeu bem alto a solidariedade e a disponibilidade na criação de condições para minorar o sofrimento e superar

⁷FALA DA APRESENTADORA: “A cidade de Chapecó amanheceu de luto. E o que era um sonho para a população de pouco mais de 200 mil habitantes, se transformou numa grande dor”.

a perda desportiva”; “Os jogadores do Barcelona compartilharam a tristeza pela Chapecoense. O carinho do maior do mundo foi enorme”; “O choro foi de todo o futebol. A Fifa declarou que seu pensamento está com as vítimas, famílias e torcedores”. Nas palavras de Vedova há uma interpelação do espectador para a dimensão do acontecimento e para a significação do futebol em nível mundial. A reportagem de Vedova complementa a lógica da comoção enfocada nas palavras de Giuliana e de Heraldo na introdução da matéria. As emoções do público do futebol são convocadas.

Um dos pontos delicados da cobertura da tragédia foi o resgate dos corpos e dos sobreviventes. Ao introduzir notícia sobre a conclusão da retirada dos corpos pelas equipes de resgate, Giuliana Morrone, diante do telão, chama o repórter Marcos Uchôa, na Colômbia. Primeiramente, informações são passadas com apresentadora diante do telão falando com repórter. Depois, a transmissão passa a ser da Colômbia, com o repórter informando sobre a retirada dos corpos. Uchôa usa roupas sóbrias e fala demonstrando tristeza, mas, diferentemente de Giuliana, ele faz muitas gesticulações, principalmente mexendo a cabeça, mexendo as sobrancelhas e fazendo várias expressões faciais. Os dois jornalistas estão ocupando espaços diferentes dentro de um mesmo telejornal. Enquanto Morrone está em estúdio, apresentando atitudes performáticas mais sóbrias, Uchoa está no país onde ocorreu a tragédia, sendo testemunha de um contexto de morte e podendo demonstrar mais as suas sensibilidades.

Ao passar informação de que na hora do acidente havia quatro aviões que estavam tentando pousar no aeroporto colombiano e que pediram para que eles ficassem rodando em volta do aeroporto⁸, Marcos Uchôa faz movimento circular com a mão, reiterando os sentidos do que estava falando. Ainda durante a fala do repórter, Uchôa ficou reiterando suas manifestações verbais com movimentos da mão direita. Neste ponto, a performance física do repórter dá bases para o texto verbal.

Como já foi mencionado, também faleceram jornalistas na tragédia. A apresentadora Giulina Morrone, ao fazer a cabeça para a reportagem do falecimento dos colegas de profissão, demonstra estar visivelmente consternada: “Vinte e um jornalistas estavam no avião que caiu na Colômbia. Vinte deles morreram nessa tragédia. Eles viajavam com os

⁸FALA DO REPÓRTER MARCOS UCHÔA: “Há uma informação das autoridades aeronáuticas da Colômbia de que, na hora do acidente, existiam quatro aviões que estavam querendo pousar, mas por causa da forte chuva não podiam. Pediram que se esperasse que ficassem rodando em volta do aeroporto. Um deles avisou que estava com problemas – o avião da Viva Colômbia, que teve prioridade”.

jogadores para contar para todo o país a última etapa dessa campanha histórica da Chapecoense na Copa Sul-Americana. Entre os 20 mortos, três eram da TV Globo e cinco do grupo RBS”. A fala de Giuliana aciona elementos que apontam para criar o sentido de grandiosidade do time catarinense e foca em um olhar institucional, dando destaque aos jornalistas da Globo e da RBS falecidos.

Foi marcante na cobertura dia do acidente aéreo a apresentação de uma lista, com os nomes dos mortos, em tela inteira, no final de cada bloco. Os nomes tomaram a tela por vários segundos. Tal prática não é habitual no horário nobre, se mostrando como algo que pode ser considerado em nível de novidade. E no final da edição, os dois apresentadores do dia, Heraldo Pereira e Giuliana Morrone, juntamente com o comentarista Galvão Bueno, ficaram em pé – com a redação toda em pé atrás deles - e homenagearam os mortos. No fundo, os rostos dos falecidos foram passados em telão. Todos bateram palmas, a câmera foi se distanciando e pegando as imagens em planos mais abertos. Os membros do telejornal foram focados de cima, enquanto ainda batiam palmas. Tal homenagem foi abrangida pelo atual contexto do JN, que abarca tecnologias avançadas e uma linha editorial mais informal, voltada à aproximação com o público. Neste momento do programa, a performance dos apresentadores é delineada com expressões de seriedade, mas com tom emocionante. Olhares sóbrios e falas pausadas⁹ clamam pela emoção do público. Galvão Bueno, com expressão de sofrimento e fazendo diversas gesticulações, fala sobre a importância do esporte e dos jornalistas e puxa uma salva de palmas¹⁰.

Algumas Considerações

A produção de sentidos sobre as informações de um telejornal é permeada por diversos elementos, como os sonoros e os visuais. E em uma apresentação de um telejornal

⁹FALA DE HERALDO PEREIRA: Tem sido um longo dia hoje. Desde a madrugada, os brasileiros acompanharam, aflitos, as notícias da queda do avião.

FALA DE GIULIANA MORRONE: É um dia que ficará marcado nas nossas vidas.

¹⁰FALA DE GALVÃO BUENO: Todos nós sabemos como o esporte provoca emoção e paixão. Os atletas são os grandes protagonistas de tantas histórias inesquecíveis. São eles, os técnicos e os dirigentes que fazem o espetáculo. Mas quem leva a você a emoção que o futebol provoca são os jornalistas: das TVs, das rádios, dos jornais impressos e da internet. É absolutamente simbólico, e muito triste, que seja esse acidente a nos lembrar, de forma tão explícita, essa ligação. Só nos resta então uma última homenagem para os jogadores, a comissão técnica e os dirigentes da Chapecoense. E para os jornalistas de todos os veículos que nos deixaram nesta terça tão tragicamente. Todos nós, na redação do Jornal Nacional, de pé, juntos, damos uma salva de palmas.

em uma situação de tragédia, com a ocorrência de muitas mortes, a forma como os apresentadores se expressam e se manifestam é fundamental para o delineamento das informações e para a interação com o público.

No caso da cobertura do JN à tragédia com o time da Chapecoense, a performance de Heraldo Pereira e de Giuliana Morrone, que apresentaram o jornal televisivo no dia da ocorrência do fato, foi voltada à construção de um contexto de consternação. Os dois apresentadores tiveram atitudes de introdução das notícias e de interação com o público permeadas pela sensibilidade diante da tragédia.

Renata e Heraldo, na edição do dia 29 de novembro, foram introdutores de um assunto tão caro e, ao mesmo tempo, delicado para os humanos, que é a morte, ao público e, através de suas lógicas de posicionamento, deram subsídios para a ocorrência de interação entre o ambiente o sujeito, entre o telejornal e o público. A performance dos apresentadores foi significativa no delineamento do cenário sobre a morte abarcado no Jornal Nacional e na perspectiva de invocação das sensibilidades do público sobre o fato, oportunizando a experiência estética.

Referências

- BISTANE, Luciane; BACELLAR, Luciana. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRASIL, Andre. *A performance: entre o vivido e o imaginado*. In: XVI Encontro Nacional da COMPÓS, 2011. Porto Alegre: **Anais**. Porto Alegre: Compós, 2011.
- CARDOSO FILHO, Jorge. Para “apreender” a experiência estética: situação, mediações e materialidades. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 40-52, dez. 2011.
- DEWEY, J. **Art as experience**. 3. ed. New York: Perigee Books, 2005.
- EMERIM, Carlida; BRASIL, Antonio. **Coberturas em telejornalismo**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife. Anais. Recife: Intercom, 2011.
- GOMES, Itania. Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. p. 1-31, abril de 2007.
- GUIMARÃES, C.; LEAL, B. Experiência mediada e experiência estética. In: XVI Encontro Nacional da COMPÓS, 2007. Curitiba: **Anais**. Curitiba: Compós, 2007.

GUTMANN, Juliana Freire. Sobre performance e historicidade: uma abordagem estética e cultural da MTV Brasil. **Revista E-Compós**, V. 18, ed. maio-agosto 2015. Brasília: E-Compós, 2015. Págs: 1-16.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**. Disponível em:
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional.htm>. Acesso em: 19 de setembro de 2016.

THOMAZ, Felipe Calazans. Gesto na tela, ação no digital: experiência estética e performance através das materialidades de games touchscreen. **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 02, pp. 52-71, ago./nov., 2016.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.